

STAN DOUGLAS

ISDN



EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição *Stan Douglas: ISDN* foi organizada e produzida pela Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea. A exposição recebeu o apoio da Galeria David Zwirner. Contou com a coordenação de Filipa Loureiro, curadora do Museu.

The exhibition *Stan Douglas: ISDN* is organised by the Serralves Foundation - Museum of Contemporary Art. The exhibition is supported by David Zwirner. It was coordinated by Filipa Loureiro, curator of the Museum.

STAN DOUGLAS *ISDN*

Tendo em conta a programação do primeiro semestre de 2024, que inclui as celebrações dos 50 anos do 25 de Abril, o Museu de Serralves convidou o artista Stan Douglas para apresentar seu mais recente filme, *ISDN* (2022). Originalmente concebido para a 59.ª edição da Bienal de Veneza, onde representou o pavilhão do Canadá, com curadoria de Reid Shier, *ISDN* ocupa agora um lugar de destaque no museu, assinalando este ano de grande significado para o país.

Stan Douglas é amplamente reconhecido em Portugal, onde, há cerca de uma década, o Museu Berardo¹ lhe dedicou uma importante exposição que incluía um conjunto de obras que ecoam subtilmente com a história portuguesa, como a série de fotografias *Disco Angola* (2012) e o filme *Luanda-Kinshasa* (2013) que abordam, respetivamente, as lutas de libertação pós-coloniais e a influência africana na música de Nova Iorque. Para além dessas obras, a exposição em Lisboa incluía ainda a célebre longa-metragem *The Secret Agent* (2015), uma adaptação do romance homónimo de Joseph Conrad. Ambientado na Londres vitoriana do final do século XIX, o livro narra uma tentativa falhada de atentado ao Observatório de Greenwich, sendo considerado um dos primeiros retratos literários de espionagem e terrorismo moderno, que ganhou nova atenção após os atentados de 11 de setembro. Douglas reinterpreta e recontextualiza esta narrativa sombria e enigmática, adaptando-a à conjuntura dos anos que se seguiram à Revolução dos Cravos.

The Secret Agent combina elementos históricos com ficção, ligando a trama do escritor inglês ao chamado «Verão Quente» de 1975 em Portugal – uma fase tumultuosa do processo revolucionário, marcada por ações violentas e pela ameaça iminente de uma guerra civil que culminou com a ratificação da Constituição democrática e o reconhecimento da independência das colónias. Alternando entre elementos documentais e fictícios, numa narrativa que é intencionalmente não linear e fragmentada, entrelaçando diferentes perspetivas e acontecimentos, reais ou imaginados, de contextos geográficos, culturais e temporais aparentemente distintos, Stan Douglas, subverte as convenções das narrativas cinematográficas tradicionais para explorar temáticas tanto contemporâneas como históricas. Filmado em Lisboa, com a participação de atores locais conhecidos do público português, o filme, remanescente do cinema *noir*, reflete sobre as transformações do conceito de identidade coletiva e o legado dos ideais modernistas, bem como sobre alguns dilemas atuais: o terrorismo, os limites da democracia, as utopias de ontem e de hoje, a ideologia e o medo como ferramentas de opressão e controle social.

É notável a capacidade de Stan Douglas de recriar e reencenar acontecimentos históricos, produzindo simulacros visuais que nos permitem viajar através do tempo e refletir sobre questões que ainda ressoam com uma urgência palpável nos dias de hoje. Inspirando-se frequentemente em momentos decisivos de mudança, as suas obras oferecem uma base rica para repensar as relações entre memória coletiva, história e o

1. Stan Douglas, *Interregnum*, Museu Berardo 2015, com curadoria de Pedro Lapa.

presente. Elas despertam uma reflexão crítica sobre a contemporaneidade e os valores universais que definem a nossa sociedade – sejam filmes ou fotografias, atuam como túneis do tempo que, por breves instantes, nos transportam para além do nosso contexto pessoal e espacial. Por outro lado, e embora assentem numa investigação rigorosa, o facto de serem permeadas por elementos ficcionais e encenados suscita dúvidas sobre a veracidade dos eventos históricos: o que terá sido alterado ou omitido das narrativas oficiais? Como é escrita a história e por quem? Questões fundamentais para compreendermos não apenas o passado, mas também a influência contínua desses acontecimentos no nosso presente.

É inegável que alguns períodos e momentos históricos continuam intimamente ligados ao presente, ao nosso dia-a-dia, influenciando continuamente (mesmo sem o percebermos) o curso das nossas vidas contemporâneas. Talvez por isso, e de forma discreta, Douglas propõe uma revisão constante da história, um exercício especialmente relevante numa era em que a informação é omnipresente e fragmentada, e em que a reconstituição visual e histórica se tornou tecnicamente simples. A exposição em Serralves, que tem o nome do filme, *ISDN*, recorrendo uma vez mais à tecnologia, estabelece uma ponte entre culturas e movimentos sociais de contextos políticos e geográficos distintos.

Ao entrar na sala, somos recebidos por dois ecrãs suspensos que exibem uma performance musical vibrante, acompanhada por batidas intensas e versos que se sucedem sem interrupções.

De um lado, os músicos londrinos TrueMendous e Lady Sanity, e do outro, Yousef Joker e Raptor do Cairo, que, em estúdios improvisados nas suas cidades, trocam rimas entre si, cada um na sua língua, numa batalha de rap *freestyle*, transmitida através de linhas de rede RDIS² – uma tecnologia hoje considerada obsoleta que permite a interação entre artistas de diferentes geografias, contextos políticos e sociais e ainda sublinha a ideia de que, embora as ferramentas possam mudar, a necessidade de expressão e união permanece constante.

ISDN representa uma colaboração ficcional entre conhecidos rappers das cenas musicais Grime de Londres e Mahraganat do Cairo³. O rap vive das letras, do ritmo e da rima. Duplos sentidos, trocadilhos e metáforas são utilizados para abordar questões sociais, políticas e culturais

2. A Rede Digital de Serviços Integrados (RDSI, em inglês ISDN) é uma tecnologia de telecomunicações que permite a transmissão simultânea de dados, voz e vídeo através de uma única linha digital. Desenvolvida para melhorar a qualidade e a velocidade das comunicações em comparação com as linhas telefónicas analógicas tradicionais, a RDSI utiliza circuitos digitais para fornecer uma ligação mais estável e eficiente. Esta infraestrutura, capaz de suportar múltiplas ligações ao mesmo tempo, representou na altura um avanço significativo em termos de capacidade de comunicação, tendo sido gradualmente substituída por tecnologias mais modernas como o cabo e o DSL.

3. O Grime, que surgiu em Londres no início dos anos 2000, é um género de música eletrónica que funde elementos de rap, dancehall e hip hop. É reconhecido pelas suas letras incisivas e críticas, que frequentemente refletem as adversidades e desafios enfrentados pelas comunidades urbanas marginalizadas de Londres, como o racismo e a desigualdade social. Paralelamente, o Mahraganat (também conhecido como Chaabi ou Electro Chaabi), cujo nome significa literalmente “festival” em árabe, é um género musical que emergiu nos bairros populares do Cairo na mesma época e combina elementos da música eletrónica com ritmos tradicionais egípcios. As letras deste género abordam igualmente as realidades, dificuldades e desafios diários enfrentados pela juventude egípcia.

prementes num contínuo sem fim. Apesar de parecer que estão a batalhar em tempo real, as sessões foram gravadas separadamente e interligadas numa *jam session* hipnotizante. Um algoritmo criado pelo artista sincroniza os beats e os versos em inúmeras combinações, oferecendo uma experiência que levaria dias a ser explorada na totalidade. Sentados entre dois continentes e culturas, somos envolvidos pelas batidas que ecoam pelo espaço; o nosso corpo segue o ritmo ao mesmo tempo que tenta acompanhar a velocidade dos versos. Somos imediatamente cativados por este duelo, que, apesar de sua energia absolutamente avassaladora, aborda temas sociais tão diversos e complexos como questões de raça, classe, amor e identidade, fé, finanças, frustração, depressão, exaustão, dor, morte, poder, meios de comunicação, polícia, sistemas falidos, opressão, rebelião e justiça. Questões sociais sistêmicas e estruturais que afetam estes jovens provenientes de diferentes contextos, Londres e o Cairo, separados por três mil e quinhentos quilómetros e um fosso linguístico, económico, cultural e social.

A exposição inclui ainda uma seleção de fotografias de uma série mais vasta que fez parte do projeto originalmente apresentado na Bienal de Veneza e que têm como ponto de partida uma série de eventos ocorridos em 2011, como o Occupy Wall Street, os tumultos em Londres, a Primavera Árabe e os confrontos da final da Stanley Cup em Vancouver, cidade natal de Douglas – que, como sabemos, desencadearam uma onda global de protestos e movimentos sociais em resposta ao crescente descontentamento com a desigualdade e as condições económicas e políticas que se agravaram após a recessão de 2008.

As duas fotografias de grande formato no Museu de Serralves retratam as revoltas em Londres e na Tunísia. Em Londres, os distúrbios de 2011 – desencadeados pelo assassinato de um jovem negro em Tottenham pela polícia – transformaram-se em protestos contra a desigualdade, o desemprego e as práticas policiais, que se espalharam por várias cidades inglesas, culminando em cenas de violência contra as comunidades marginalizadas e maioritariamente migrantes do Reino Unido. No Norte de África e no Médio Oriente, a Primavera Árabe iniciou-se com a autoimolação de um vendedor ambulante na Tunísia e rapidamente se expandiu para países como o Egito e a Líbia, onde as manifestações exigiam o fim de regimes autoritários, além de reformas democráticas, liberdades civis e melhorias nas condições de vida. Apesar das restrições impostas pelos seus governos, os protestos de rua intensificaram-se de forma dramática, dando origem a confrontos intensos com as autoridades e um descontentamento generalizado contra as estruturas de poder.

A rapidez com que os acontecimentos se desenrolaram surpreendeu todos, com os meios de comunicação de massa e a internet a desempenhar um papel fundamental, nomeadamente na disseminação de informações e mobilização de pessoas tanto local quanto globalmente. A internet e as redes sociais, como o Facebook e o Twitter, converteram-se em ferramentas valiosas para contornar a censura, possibilitando que uma série de vozes dissidentes fossem finalmente ouvidas. O ano de 2011 ficará indubitavelmente marcado como um período de profundas transformações globais, um testemunho da resiliência de

várias comunidades do mundo contra o poder estabelecido que gerou um debate sem precedentes sobre a necessidade de reformas nos sistemas políticos e económicos, na luta pela democracia e pelos direitos humanos.

Para criar estas *mise-en-scènes* panorâmicas, Douglas juntou digitalmente imagens de múltiplas fontes que lhe permitissem recriar os acontecimentos históricos com a maior precisão possível. Devido à impossibilidade de viajar para essas cidades durante a pandemia, Douglas colaborou com fotógrafos locais e posteriormente recriou as cenas de 2011 num estádio de hóquei em Vancouver, eliminando quaisquer elementos anacrónicos. Cada fotografia foi meticulosamente encenada e editada para captar a tensão e atmosfera dos eventos representados. A precisão histórica foi tal que o artista utilizou o *Google Maps* como referência para ajustar cada pormenor de acordo com o que existia, por exemplo, nas ruas como espaços comerciais ou outros em 2011. O resultado é um simulacro, algures entre a documentação e a reconstrução elaborada, que contraria o imediatismo da fotografia e do digital.

Por outro lado, e voltando ao filme, é imprescindível salientar o papel da música como meio de expressão e instrumento de reivindicação ao longo da história e a sua íntima relação com as lutas por mudanças políticas, liberdade e democracia, desde os cânticos dos escravos até aos hinos dos movimentos de protesto contemporâneos. A música é um recurso vital dos movimentos sociais que inspira gerações, une comunidades e serve de veículo para comunicar mensagens complexas de forma impactante e emocional.

Durante a Primavera Árabe, apenas para citar um exemplo, a música foi uma poderosa arma de resistência, desempenhando um papel central na mobilização das massas e na consciencialização da opinião pública. Em países como Tunísia, Egito e Líbia, onde os levantamentos foram particularmente intensos, a música foi usada tanto para motivar os manifestantes quanto para transmitir mensagens que os meios de comunicação tradicionais não podiam ou não queriam difundir. Na Tunísia, por exemplo, a canção *Rais Lebled* (Senhor Presidente) do rapper El General tornou-se um hino entre os jovens, incentivando o movimento de protesto que culminou com a queda do presidente Zine El Abidine Ben Ali. Esta música, que criticava abertamente a corrupção e a repressão do governo, ressoou profundamente com as frustrações da juventude tunisina. No Egito, artistas como Ramy Essam tornaram-se ícones da revolução com canções como *Irhal* (Vá embora), dirigida ao então presidente Hosni Mubarak, tornando-se um símbolo da luta egípcia e foi cantada por milhares de pessoas na Praça Tahrir, no coração da capital egípcia. Músicos líbios também tiveram um papel fundamental contra o regime de Gaddafi. Letras de canções criadas em estúdios improvisados ou em frentes de combate circulavam entre os revolucionários e a população, fortalecendo a solidariedade e a determinação coletiva.

O estilo Mahraganat, que ganhou popularidade durante e após a Primavera Árabe, assim como o Grime, são muito mais do que géneros musicais; são culturas que expressam as inquietações e aspirações da juventude urbana. No filme de Douglas, este encontro de culturas e

experiências simboliza uma luta partilhada contra o *status quo* e universalidade destas lutas. O filme demonstra também como a música pode transcender fronteiras geográficas e unir pessoas em causas comuns, como uma força unificadora e inspiradora.

Por fim, é pertinente referir o papel do espaço público como palco de disputas, tensões e reivindicação das liberdades individuais e coletivas. Tomemos como exemplo o movimento Occupy Wall Street, que transformou o Zuccotti Park, em Nova Iorque – um espaço que, embora público, é controlado por interesses privados –, num epicentro de protestos contra a desigualdade económica, a avidez corporativa e a influência desproporcionada do capital na política americana. A escolha deste local não foi aleatória; pelo contrário, a ocupação de praças, estátuas e edifícios emblemáticos, sejam eles governamentais ou financeiros, é uma estratégia deliberada, pensada; uma tomada de posição que contribuiu para ressignificar o espaço público e sua dimensão simbólica nas nossas vidas. A cidade converteu-se (e ainda mais desde a pandemia⁴) no cenário primordial das lutas sociais modernas e contemporâneas.

4. Aqui, vale lembrar o filme *Eu Sou uma Arara* (2022), das artistas Rivane Neuenschwander e Mariana Lacerda, apresentado nesta mesma sala, que mostrou como, durante a pandemia, as cidades brasileiras foram marcadas por tensões e transformações significativas, especialmente nas manifestações contra o então presidente Jair Bolsonaro. As medidas de distanciamento social e os confinamentos alteraram a dinâmica urbana, mas muitos cidadãos, apesar dos riscos, protestaram nas ruas contra a gestão do governo durante a crise sanitária e económica. A pandemia exacerbou desigualdades, mas também fortaleceu redes de solidariedade comunitária, transformando o espaço público numa arena de expressão política e social.

Para concluir, volto ao 25 de Abril. Celebramos o 50.º aniversário da revolução portuguesa numa altura em que o mundo se depara com guerras e polarizações, e a emergência global de movimentos fascistas recorda-nos a necessidade de permanecermos atentos aos retrocessos políticos e à restrição das nossas liberdades. Nunca é excessivo falar sobre liberdade e democracia. Portugal, que viveu uma das ditaduras mais longas da Europa, ainda encontra as marcas desse período nas fissuras das suas estruturas sociais. Desde 1974, cada aniversário da Revolução é uma celebração, com multidões nas ruas, cravos vermelhos nas mãos, relembrando aquele momento da nossa história. No entanto, talvez nos falte analisar o passado com uma visão crítica, sem cair no saudosismo que tantas vezes distorce a nossa perceção e análise do presente. Por que não refletir sobre o sonho de abril e o que ainda falta concretizar, considerando também as oportunidades que foram perdidas? Devemos reafirmar o nosso compromisso com o legado de abril, um legado que continua a exigir de nós uma vigilância constante e um esforço incessante por um futuro mais equitativo e democrático. Afinal, uma revolução nunca termina. É uma luta diária e contínua.

Reenquadrar, redefinir, recontextualizar e reavaliar o passado à luz do presente são passos fundamentais, tal como nos demonstra a obra de Stan Douglas. Com a exposição *ISDN* e a celebração dos 50 anos do 25 de Abril no Museu de Serralves, torna-se ainda mais claro para todos a relação entre arte, história e sociedade. Esta mostra, mais do que elevar um marco histórico nacional a uma arena de discussão global, propõe uma

nova leitura sobre o impacto duradouro das lutas que clamam por liberdade e justiça social. Ao estabelecer um elo entre diferentes culturas e épocas, *ISDN* propõe uma análise crítica sobre momentos sociais decisivos, tanto do passado como do presente. Desta forma, Serralves reafirma o seu papel como espaço essencial para o debate sobre nosso legado coletivo e a constante dedicação aos valores democráticos. Um apelo à ação; um alerta para que cada geração assuma a responsabilidade de construir o seu futuro.

Inês Grosso

Curadora-chefe, Museu de Serralves

STAN DOUGLAS

ISDN

As part of its programme for the first semester of 2024 in mind, which includes the 50th-anniversary of the 25th April Revolution of 1974, Serralves Museum has invited the artist Stan Douglas to present his latest film, *ISDN* (2022). Originally conceived for the 59th Venice Biennale, where it represented the Canadian Pavilion curated by Reid Shier, *ISDN* is now being shown at the museum to commemorate this important year for our country.

Stan Douglas is a well-known figure in Portugal, where the Berardo Museum dedicated an important exhibition to him about a decade ago, which included a series of works that subtly resonated with Portuguese history, such as the photo series *Disco Angola* (2012) and the film *Luanda-Kinshasa* (2013) portraying, respectively, the post-colonial freedom struggle, and Africa's influence upon the music scene in New York. Alongside these works, the Lisbon exhibition also included his lauded feature-length film *The Secret Agent* (2015), an adaptation of Joseph Conrad's novel of the same name. Set in Victorian London at the end of the 19th century, the novel tells the story of a failed bombing attempt on the Greenwich Observatory, considered to be one of the first literary accounts of espionage and modern terrorism, which came back into the spotlight after the September 11 attacks. Douglas reinterprets and recontextualizes this grimly fascinating tale, adapting it to the circumstances in the years following the Carnation Revolution.

The Secret Agent combines historical elements with fiction, juxtaposing the English writer's tale with Portugal's so-called «Hot Summer» of 1975 – a tumultuous phase in the revolutionary process, characterized by outbursts of violence and the imminent threat of civil war, which culminated in the ratification of the democratic Constitution and the recognition of the independence of the colonies. By switching between these documentary and fictional elements, in a narrative structure that is intentionally non-linear and fragmentary, interweaving different perspectives and events – whether real or imaginary – from seemingly distinct geographical, cultural, and epochal contexts, Stan Douglas subverts the conventions of traditional movie narratives in order to explore both contemporary and historical themes. The film, made in Lisbon with local actors familiar to the Portuguese audiences, and reminiscent of a film *noir*, reflects upon changes in the notion of collective identity and the legacy of modernist ideals, as well as some of today's most thorny issues: terrorism, the limits of democracy, the utopias of yesterday and today, ideology and fear being used as tools for oppression and social control.

Stan Douglas's capacity to recreate and restage historical events is remarkable, as his visual reenactments invite us on a journey through time to reflect upon questions that continue to resonate with palpable urgency. Often finding inspiration in moments of momentous change, his works serve as a rich foundation on which to rethink the relationships between collective memory, history and the present. They engage us in a reflective critique of contemporaneity and the

1. Stan Douglas, *Interregnum*, Berardo Museum 2015, and curated by Pedro Lapa.

universal values that define our society. Whether it be his films or photographs, they function as time portals that, for brief instants, whisk us beyond the personal, spatial contexts we know well. On the other hand, while subject to laborious research, the fact they are informed by fictional elements raises doubts on the truth of the historical events being portrayed: what might have been altered or omitted from official record? How is history actually written, and by whom? Fundamental questions for us to not only understand the past, but also the influence it continues to have on our present.

Without a doubt, there are historical periods and moments in time that continue to be intimately linked to the present and our day-to-day, consistently influencing (without us even being aware) the course of our contemporary lives. Perhaps for this reason, and with evident subtlety, Douglas urges us to constantly weigh up our history, a particularly telling exercise at a time when information is omnipresent and fragmented, and in which visual and historical reconstruction has become a technically easy thing to accomplish. The exhibition at Serralves, which takes the film's name - *ISDN* - and, in equal measure, also resorts to technology and connects dots between cultures and social movements belonging to distinct political and geographical contexts.

Upon entering the room, we are greeted by two hanging screens showing a lively jam session in a juxtaposition of fierce drumming and an uninterrupted flow of freestyle verses. On the one side, London musicians TrueMendous and Lady Sanity, and, on the other, Yousef Joker and Raptor in Cairo, who trade bars – each in their own

language – in impromptu studios in their respective cities, then transmitted between them on ISDN lines² – a technology today considered obsolete which enables these artists from different geographies, and political and social contexts to interact while making the point that, while the tools may change, the need for expression and union remains a constant.

ISDN is the record of a supposed collaboration between rappers from the London-based grime and Cairo's Mahraganat scenes³, staged as a celebration of rap, rhythm, and rhyme. Double meanings, puns and metaphors abound as pressing social, political, and cultural grievances are aired in an endless flow. Although it might seem like they are trading bars in real time, the sessions were recorded separately and then mixed together to intoxicating effect. An algorithm created by Douglas synchronizes the beats and verses in a myriad of

2. The Integrated Services Digital Network (ISDN) is a telecommunications technology that permits the simultaneous transmission of data, voice, and video over a single digital line. Developed to improve the quality and speed of communications compared to traditional analogue telephone lines, ISDN uses digital circuits to provide a more stable and efficient connection. This infrastructure, capable of supporting multiple connections at the same time, was once a significant advancement in communication capacity but was gradually replaced by more modern technologies, such as cable and DSL.

3. Grime, which appeared on the London music scene at the beginning of the 2000s, is a style of electronic music which fuses elements of rap, dancehall, and hip hop. It is known for its incisive, critical lyrics which often reflect the adversities faced by the marginalised urban communities of London, such as racism and social inequality. Similarly, Mahraganat (also known as Chaabi or Electro Chaabi), whose name literally means "festival" in Arab, is a musical genre which emerged in the working-class neighbourhoods of Cairo at the same time, combining elements of electronic music with traditional Egyptian rhythms. Its lyrics also serve as a platform to explore the realities, difficulties, and challenges faced daily by Egyptian youth.

combinations, as we are plunged into an experience that would take days to be explored in its entirety. Finding ourselves midway between two continents and cultures, we surrender to the beats echoing through the space; our bodies begin to get in rhythm as we do our best to keep up with the bars. Before we know it, we've fallen under the duel's spell, which, despite the sheer energy on display, is a catalogue of social issues as diverse and complex as race, class, love and identity, faith, finance, frustration, depression, exhaustion, pain, death, power, social media, policing, failed systems, oppression, rebellion, and justice. Systemic and structural social issues that directly affect these young people from different places, London and Cairo, separated by three thousand five hundred kilometers and a social, cultural, economic, and linguistic abyss.

The exhibition also includes a selection of photographs from a much larger series, which were part of the project that was originally presented at the Venice Biennale, and which are inspired by events that took place in 2011, such as Occupy Wall Street, the London riots, the Arab Spring and the confrontations which took place during the final of the Stanley Cup in Vancouver, Douglas' city of birth – which, as we know, triggered a wave of global protests and social movements in response to the growing discontent with inequality and the economic and political conditions which had deteriorated following the recession of 2008.

The pair of large-scale photographs on display at Serralves Museum portray the disturbances which took place in London and Tunisia. In the former, the 2011 riots – sparked by the murder of a young black

man in Tottenham by the police – soon metamorphosed into protests against inequality, unemployment and policing methods which spread over a number of different cities across Britain, culminating in violent incidents targeting marginalized, and for the most part migrant communities in the United Kingdom. In Northern Africa and the Middle East, the Arab Spring all began with the self-immolation of a street trader in Tunisia and rapidly spread across countries such as Egypt and Libya, where demonstrators demanded an end to authoritarian regimes, as well as democratic reform, civil liberties, and better living conditions. In spite of a crackdown by their respective governments, the street protests became even more intense, leading to fierce confrontations with the forces of law enforcement and widespread discontent with the corridors of power.

The speed at which events unfolded surprised everyone, with mass media channels and the internet playing a decisive role, namely in the spread of information and the mobilization of people on a local and global scale. The internet and social networks such as Facebook and Twitter became vital means to get around censorship, allowing for a series of dissident voices to finally be heard. The year 2011 will without a doubt go down in history as a period of profound global transformations, witness to the resilience of various global communities in the face of the seats of power, which sparked unprecedented debate on the need for systematic political and economic reform in the fight for democracy and human rights.

To create these panoramic *mise-en-scènes*, Douglas digitally spliced together images from multiple sources, which

allowed him to recreate historical events with the greatest precision. Given the impossibility of travelling to these cities during the pandemic, Douglas collaborated with local photographers and then subsequently recreated crowd scenes from 2011 in a Vancouver hockey stadium, removing any details that were irrevocably dated. Each photograph was meticulously staged and edited to reflect the powerful events being shown. Historical accuracy was such that the artist used Google Maps to fine-tune details in accordance with what was found there in real life, such as commercial and other spaces that existed in 2011. We end up with a simulacrum, somewhere between documentary and an elaborate reconstruction, at odds with the immediacy of photography and digital art.

On the other hand, returning to the film, we cannot ignore the role music plays as a means of expression and an instrument of protest throughout history, and its intimate relationship with the struggles for political change, freedom, and democracy, from slave songs to contemporary protest movement anthems. Music is a vital resource for social causes that inspires entire generations, brings communities together and serves as a device to pass on complex messages in an impactful, stirring way.

During the Arab Spring, music was a powerful weapon of resistance, playing an essential role in the mobilization of the masses and the awareness-raising of the public. In countries such as Tunisia, Egypt, and Libya, where uprisings were particularly intense, music was used as much to motivate demonstrators as to spread messages that traditional communication channels were unable or unwilling to do. In Tunisia, for example,

the song *Rais Lebled* (Mr. President) by rapper El General became an anthem amongst the young, galvanizing the protest movement which led to the fall of President Zine El Abidine Ben Ali. This song, which openly criticized government repression and corruption, profoundly resonated with the frustrations of Tunisian youth. In Egypt, artists such as Ramy Essam became figureheads of the revolution with songs like *Irhal* (Leave), addressed to then-president Hosni Mubarak, thereby becoming a symbol of the Egyptian fight for freedom that was sung by thousands of protestors in Tahrir Square in the heart of the Egyptian capital. Libyan musicians played an essential part in resisting the Gaddafi regime. Lyrics jotted down in impromptu studios or on the frontline circulated between revolutionaries and the population, reinforcing solidarity and the collective will.

Mahraganat music, which gained in popularity during and after the Arab Spring, like grime is much more than just a musical genre; they are both cultures that express the fears and aspirations of urban youth. In Douglas' film, this coming-together of cultures and experiences symbolizes the shared fight against the status quo and the universal nature of such struggles. The film also demonstrates how music can transcend geographical borders and unite people under a common cause, as an inclusive, inspirational force for good.

Finally, it is worth mentioning how the public space serves as a stage for our disputes, tensions and demands for individual and collective freedoms. Let's take, for example, the Occupy Wall Street

movement, which transformed Zuccotti Park in New York – which, while a public space, is controlled by private interests – into the epicenter for protests against economic inequality, corporate greed and the disproportionate influence of capital on American politics. The choice of this setting was not by chance; on the contrary, the annexation of squares, public statues, and symbolic buildings, be they institutional or belonging to the financial industry is a deliberate, and deliberated strategy; a taking of a stand which contributes to the resignifying of meaning to the public space and its symbolic importance in our lives. The contemporary city became (and even more so since the pandemic⁴) the setting *par excellence* for social dissent in the present day.

To finish, I wish to return to the 25th of April. We are celebrating the 50th anniversary of the Portuguese Revolution, at a time when the world is polarized, stricken with wars and the global emergence of fascist movements, which reminds us of the need to remain vigilant, aware of political backsliding and the curbing of our freedoms. We can never engage enough in fighting for our freedoms and democracy. In Portugal, which lived through one of the longest

dictatorships in European history, the scars of this period remain embedded deep in our social structures. Since 1974, each anniversary of the Revolution has been a major celebration, with crowds, red carnations in hand, in the streets, in remembrance of this moment in our history. Nonetheless, we may lack the capacity to analyze the past critically without succumbing to a certain nostalgia that often distorts our perceptions and ability to contemplate the present. Why don't we reflect on the ambitions of the 25th of April and what we have yet to achieve, considering the opportunities that have been squandered? We need to reaffirm our commitment to the legacy of that day, a legacy that continues to demand our constant attention and the never-ending battle for a more equal, democratic future. When all is said and done, the revolution never ends. And the fight is ongoing.

Reframe, redefine, recontextualize and reevaluate the past in light of the present are fundamental steps we need to take, as Stan Douglas demonstrates to us in his work. With the exhibition *ISDN* and the 50-year celebrations of the 25th of April at Serralves Museum, the relationship between art, history and society becomes even clearer. This show, more than just bringing a landmark moment in our national history to global attention and debate, proposes we think anew about the long-lasting impact of our struggles for liberty and social justice. By establishing a link between different cultures and time periods, *ISDN* suggests we critically analyse decisive social events, whether past or present. Accordingly, Serralves reaffirms its role as a vital place for discussing our collective legacy, alongside

4. At this point we should also mention the film *Eu Sou uma Arara* (2022) by artists Rivane Neuenschwander and Mariana Lacerda, presented in this very same room. The film illustrates how, during the pandemic, Brazilian cities were assailed by significant tensions and transformations, particularly during the protests against then-president Jair Bolsonaro. Social-distancing measures and lockdowns changed urban dynamics, yet many citizens, despite the risks, took to the streets to protest the government's handling of the health and economic crisis. The pandemic exacerbated inequalities but also strengthened community solidarity networks, transforming public spaces into arenas of political and social expression.

its constant dedication to democratic values. A call to action; and a warning for each generation to assume the responsibility of building its own future.

Inês Grosso
Chief Curator, Serralves Museum

LISTA DE OBRAS EM EXPOSIÇÃO

Stan Douglas

ISDN, 2022

Projeção video em dois canais, 1523 dias,

17 horas 52 minutos, cor, som

Edição de 4 + 1 prova de artista

Cortesia do artista, Victoria Miro

e David Zwirner Galeria

Stan Douglas

Londres, 09/08/2011 (Pembury Estate),

2017

Impressão sobre Dibond

Edição de 5 + 2 provas de artista

Cortesia do artista, Victoria Miro

e David Zwirner Galeria

Stan Douglas

Tunes, 23/01/2011, 2021

Impressão sobre Dibond

Edição de 5 + 2 provas de artista

Cortesia do artista, Victoria Miro

e David Zwirner Galeria

LIST OF WORKS ON DISPLAY

Stan Douglas

ISDN, 2022

Two-channel video projection, 1523 days

17 hours 52 minutes, colour, sound

Edition of 4 plus 1 artist proof

Courtesy the artist, Victoria Miro

and David Zwirner

Stan Douglas

London, 2011-08-09 (Pembury Estate),

2017

C-print on dibond

Edition of 5 plus 2 artist's proofs

Courtesy the artist, Victoria Miro

and David Zwirner

Stan Douglas

Tunis, 2011-01-23, 2021

C-print on dibond

Edition of 5 plus 2 artist's proofs

Courtesy the artist, Victoria Miro

and David Zwirner

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h - 13h e 14h30 - 17h)

Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am - 1 pm and 2:30 pm - 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta direct line): 226 156 500
Tel: 226 156 546

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.
Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A reference in the field of design, where you can purchase a souvenir as a reminder of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

No Bar do Auditório de Serralves pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

A exposição recebeu o apoio da Galeria David Zwirner
The exhibition is supported by David Zwirner.

Apoio Institucional
Institutional Support



RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo cittadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS INFORMATION AND OPENING HOURS

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto - Portugal


serralves@serralves.pt


Linha geral General lines:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500


Chamadas para a rede fixa nacional.
Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

